Devedores latinos vão a Buenos Aires para rearticular negociação

por Claudia Safatle
de Brasília

Começa nesta segunda-feira a armação para o segundo encontro dos devedores latino-americanos. O diretor da área externa do Banco Central brasileiro, José Carlos Madeira Serrano, seguiu domingo para Buenos Aires, onde, durante dois dias, participará, juntamente com o corpo diplomático de mais dez países da América Latina, da reunião preparatória para o encontro de setembro dos ministros de Finanças e chanceleres. Trata-se de consolidar mais a articulação conjunta dos principais devedores, que rendeu bons frutos a partir da reunião de Cartagena, na Colômbia, há dois meses.

Se houve resistências do comando econômico do governo à introdução do Itamaraty na questão da renegociação da dívida externa, hoje esse é um problema superado. "É um canal novo que está sendo explorado orquestradamente", como assinalou Madeira Serrano a este jornal. Considera que esse movimento conjunto transformou a questão da dívida externa num problema essencialmente político e que renderá bons dividendos à renegociação técnica da dívida externa, que começa em outubro.

CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS

A mobilização dos principais devedores da América Latina poderá dar consequências práticas a três pontos básicos que fazem parte da lista de reivindicações: aos bancos credores caberá reconhecer os esforços de ajustamento dos países endividados, concedendo juros mais baixos. Serrano espera que a taxa básica aplicada aos empréstimos externos seja a Libor (interbancária de Londres), que é um pouco menor que a "prime-rate" norte-americana. Além disso, as instituições financeiras internacionais terão ainda de reduzir substancialmente os demais encargos dos empréstimos, como "spreads" e comissões.

los devedores. Por fim, a terceira audiência que o encontro de Buenos Aires pretende atingir é a administração central dos países industrializados, para que eles adotem políticas fiscais e monetárias em simetria com o esforço de ajustamento das nações endividadas.

"Essa soma de fatores é que levará à solução da dívida externa", como prevê Madeira Serrano. Para o Brasil interessa a redução da taxa básica de juros. "O resto — redução de 'spreads' e comissões — importante, mas é

As autoridades financeiras dos países credores pede-se a flexibilização dos regulamentos aplicados aos bancos, para que eles possam não só aumentar seus "exposures" mas também introduzir novos mecanismos na renegociação, como, por exemplo, a capitalização dos juros. Essa reivindicação tem endereço certo, pois a legislação bancária dos Estados Unidos é extremamente rígida e obriga que os bancos privados contabilizem como "crédito em liquidação" os juros não pagos pe-

vo", assegura o diretor do BC, que participa diretamente da renegociação da dívida externa brasileira. "Tanto podemos morrer com dez gotas quanto com cinquenta gotas de veneno", diz. "O problema tinha de ir para a mesa do Reagan", e esse pode ser considerado o maior ganho de Cartagena, que deu à questão do endividamento e dos juros uma dimensão política e "crucial para a administração dos Estados Unidos", como entende o diretor do Banco Central.

REGISTRO